

# HAROLDO DE CAMPOS E MARTIN BUBER COMO TRADUTORES BÍBLICOS: SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS EM SUAS AGENDAS ANALISADAS À LUZ DA TEORIA DA RELEVÂNCIA

Geraldo Luiz de Carvalho Neto  
Universidade Federal de Minas Gerais  
geraldo.carvalho@werther.com.br

**Resumo:** Este artigo objetiva analisar excertos da tradução do livro bíblico do *Qohélet*, realizada por Haroldo de Campos (1991), para o português, e por Martin Buber (1997), para o alemão. A análise pauta-se pelos princípios da Teoria da Relevância (Sperber & Wilson, 1986/1995) e pelos trabalhos de Gutt (1992/2000a/2000b) e Alves (2001a/2001b), que aplicam essa teoria aos Estudos da Tradução. Consoante sua agenda tradutória, Campos e Buber aspiram a uma hebraização de seus respectivos idiomas. Em vista disso, torna-se importante investigar semelhanças e diferenças em suas respectivas agendas e sua influência nos respectivos textos de chegada. Conceitos cruciais nesta abordagem são os de codificação conceitual e procedimental, pistas comunicativas e ambiente cognitivo.

**Palavras-chave:** tradução, Bíblia, relevância.

**Abstract:** The objective of the present work is to analyze some excerpts of the translation of the biblical book *Qohélet*, carried out by Haroldo de Campos (1991), into Portuguese, and Martin Buber (1997), into German. The analysis is based on the principles of the relevance theory (Sperber & Wilson, 1986/1995) and on the works of Gutt (1992/2000a/2000b) and Alves (2001a/2001b), who apply this theory to the Translation Studies. In accordance with their translational agenda, Campos and Buber aspire to a Hebraization of their respective languages. In an analysis that applies this aspect as a guideline, it is important to investigate resemblances and differences in the respective agendas and their influence on the respective target texts. Crucial concepts of this approach are: communicative clues, cognitive

environment, conceptually and procedurally encoded information.

**Keywords:** Translation, Bible, relevance.

## 1. Introdução

Este artigo tem como foco o produto de dois projetos de tradução bíblica com propósitos bem semelhantes entre si, mas que diferem também em outros aspectos não menos importantes. Vamos ver como o alemão Martin Buber e o brasileiro Haroldo de Campos levaram a cabo a tradução do texto bíblico do *Qohélet* ou Eclesiastes, pautando-se em certos princípios norteadores de sua tarefa tradutória.

A tradução dos livros bíblicos, campo profícuo para pesquisas no campo dos Estudos da Tradução, vem sendo influenciada desde seus primórdios até a época atual por fatores múltiplos, tais como: a teoria de tradução defendida pelo tradutor, a posição teológica de quem fornece a incumbência da tradução, contingências do tempo, determinadas exigências culturais entre outros. No caso do filósofo e teólogo judeu Martin Buber (1878-1965), partiu-se de uma necessidade local na segunda década do séc. XX na Alemanha, onde surgiu um movimento junto à comunidade judaica no sentido de se levar a cabo uma tradução da Bíblia que não se pautasse pela de Lutero, considerada uma tradução de cunho fortemente cristão. Martin Buber, numa primeira fase juntamente com Franz Rosenzweig (1886-1929), se encarregou de tal missão, pretendendo retirar a “pátina” que encobriria as versões mais tradicionais dos livros bíblicos, produzindo um texto hebraizado em alemão.

Também no Brasil temos nesse sentido o trabalho de Haroldo de Campos (1929-2003) que, assim como Buber, aspirava a devolver ao texto sagrado traduzido suas características hebraicas. Dentre suas traduções, pode-se destacar o Livro do *Qohélet* (1991) traduzido seguindo uma linha tradutória bem próxima à de Buber como veremos a seguir, mas, ao contrário de Buber, sem uma comunidade religiosa por detrás de seu projeto.

Com base nas respectivas agendas tradutórias, analisaremos neste artigo alguns excertos das traduções desse livro, buscando mostrar a coerência de partes do produto da tradução com as agendas e apontando semelhanças e diferenças entre si. Como suporte teórico, faremos uso da Teoria da Relevância desenvolvida por Sperber & Wilson (1986/1995) e aplicada aos Estudos da Tradução pelos trabalhos de Gutt (1992/2000a/2000b) e Alves (2001a/2001b).

## **2. As agendas de Haroldo e Buber**

Ao começarem as respectivas versões dos textos bíblicos, Haroldo de Campos (HC, a partir de agora) e Martin Buber (MB, de agora em diante) guiaram-se por princípios muito peculiares à tradução literária e bíblica. Não que a Bíblia tenha que necessariamente ser encarada como literatura, mas seu texto engloba metáforas, paronomásias, aliteraões, rítmica, jogo de palavras e outros recursos típicos de prosa e poesia que não deveriam ser descurados no momento de uma tradução. Tudo isso fica muito claro pelo que se pode depreender do que comentam HC e MB através de seus escritos anexos às traduções. MB tem uma obra publicada com Franz Rosenzweig – *Die Schrift und ihre Verdeutschung* (1936) – onde expõe detalhadamente os elementos norteadores de seu trabalho. HC, por sua vez, traz no mesmo volume da tradução comentários pormenorizados de cada decisão sua, além dos princípios gerais, segundo os quais desenvolveu sua tarefa tradutória. Esses comentários à tradução são o que chamamos de agenda tradutória, e cujo teor será explicitado a seguir.

### **2.1. Agenda tradutória de MB**

A idéia de fazer uma nova tradução das escrituras sagradas já vinha de antes da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), mas só se concretizou na década de 1920 quando MB, num primeiro perí-

odo juntamente com Franz Rosenzweig, aceitou o convite de uma editora com o intuito de publicar uma versão voltada para a comunidade judaica de língua alemã. Uma tradução descristianizada seria a pretensão dos autores do projeto e dos tradutores, uma tradução que não seguisse o cunho cristológico de Lutero. No que tange ao propósito da tradução, esse fato coloca MB numa linha de tradição que o liga diretamente a Lutero, cada qual aspirando a um “refazimento” em alemão dos textos sagrados de acordo com princípios próprios e marcando a língua alemã com um texto rico e único em seus objetivos.

MB afirma que Lutero, em sua tradução, não pensava nem hebraicamente nem germanicamente, e sim latinamente (cf. Buber & Rosenzweig, 1936, p. 119). Assim, MB busca um texto hebraizado em alemão que pudesse reproduzir, tanto quanto possível, a sintaxe hebraica, o conteúdo hebraico de cada palavra e a oralidade presente nos textos sagrados. Isto porque as escrituras eram inicialmente recitadas em voz alta e essa característica deveria ser levada em conta pelo tradutor. Seria o princípio da oralidade (*Gesprochenheit*) que deveria guiar o tradutor em sua busca por unidades rítmicas no texto. As pausas não seriam ditadas pela rima ou pela métrica, mas pelas pausas naturais para tomada de fôlego.

Outros dois princípios perseguidos por MB são as palavras-guia (*Leitwörter*) e a seleção vocabular (*Wortwahl*). Por palavras-guia podemos entender uma palavra ou um radical que se repete dentro de um texto ou de uma seqüência textual, mas essa repetição não é desprovida de sentido, não é casual. O sentido do texto fica claro para quem persegue essas repetições dentro dele. Por sua vez, a seleção vocabular refere-se à relação entre certas palavras da Bíblia hebraica. Essa relação se dá entre palavras de raiz semelhante ou entre palavras com sons semelhantes. Recursos como a aliteração, assonância, repetição de palavras e expressões, e até mesmo repetição de frases não devem ser concebidos como categorias puramente estéticas; “eles fazem parte, em geral, do conteúdo e do caráter da própria mensagem, e sua

reprodução correta é uma das tarefas mais centrais da tradução” (id., p. 152, tradução do autor).

Segundo MB, o conteúdo jamais pode ser dissociado da forma, já que esta ajuda o leitor/ouvinte em seu processamento inferencial, contribuindo, outrossim, para a memorização de determinadas passagens bíblicas.

MB tem um projeto claro de hebraização do alemão. Afirma que o leitor, ao ler sua tradução, teria um texto livre da pátina que encobriria as versões mais tradicionais da Bíblia. Em termos do que diz Schleiermacher (1813), é o leitor que deve ser levado ao autor do texto e não o contrário como havia feito Lutero.

## **2.2. Agenda de HC**

O poeta, crítico e tradutor HC dedicou-se, como MB, a uma tradução da Bíblia hebraica, buscando hebraizar o idioma português e, pautando-se em princípios semelhantes aos de MB, aspira a retirar do texto bíblico a pátina que o encobre. Mas, ao contrário de MB que tinha uma comunidade e teologia judaicas em mente, HC trata de afirmar logo de início: “Minha aproximação ao texto bíblico – assinale-se – é laica. Estou primordialmente interessado em poesia” (Campos, 2000, p. 19).

Assim, HC lança mão de certos princípios buberianos, como o da *Gesprochenheit*, por exemplo. O objetivo seria obter uma espécie de registro fonográfico da oralidade do texto hebraico, com as devidas pausas para respiração. Para tornar mais evidente a marcação da página para o olho, HC entendeu ser necessário inscrever nos espaços em branco (maiores, menores, mínimos), que corresponderiam às pausas para respiração, sinais disjuntivos (§§§ §§ §).

No que tange à concordância vocabular, outro princípio de MB, HC pautou-se pelo critério das palavras-guia e da seleção vocabular. Como visto anteriormente, as palavras-guia são palavras ou seqüências de palavras que se repetem ao longo do texto e guiam o leitor quanto à importância de seu conteúdo. No entanto, HC afirma que há exceções a essa regra diante de certas passagens, uma

vez que o tradutor, em nosso caso o bíblico, estaria sujeito a uma dupla lei, a da sua língua e a da língua da qual traduz. HC procurou observar sempre que possível essa equivalência no plano lexical. Mas atuou com liberdade, “para atender com certa flutuação, onde necessário, às injunções do texto de minha ‘transcrição’ em português, sempre que o âmbito fonossemântico de minha língua me fosse propício e me sugerisse uma alternativa pertinente e *poeticamente* mais eficaz” (Campos, 1991, p. 30, *itálico como no original*). Esta transcrição seria possível em português, visto ser esse idioma um idioma plástico para a tradução e “aberto ao impacto fecundante da língua estranha, seja sonora, seja sintaticamente, para não falar da ampla viabilidade das invenções vocabulares” (id., p. 32).

HC busca recuperar a sonoridade e a poeticidade da língua de partida, transcribando em sua língua, o português. Sua meta foi “vivificar essa poesia primeva” no português e, para tanto, procura usar “os amplos recursos experimentais da poética da modernidade” (cf. Campos, 2000, p. 19-20). O português é a língua que interessa ao tradutor; nela são produzidos os efeitos fônicos, os jogos de palavras. O hebraico fornece o insumo – tanto a forma quanto o conteúdo – e o português tenta recriar tanto quanto possível todo esse conjunto.

Com essa breve explanação sobre as agendas de HC e MB, é importante, agora, tecer alguns comentários sobre a Teoria da Relevância (Sperber & Wilson, 1986/1995), cujo arcabouço teórico foi utilizado para a análise dos trechos selecionados das traduções.

### **3. Teoria da Relevância e sua aplicação aos Estudos da Tradução**

A Teoria da Relevância (de agora em diante, TR) foi desenvolvida por Sperber & Wilson (1986/1995) como desdobramento dos trabalhos de Grice (1957). Os autores propõem um amálgama dos dois modelos anteriores, quais sejam o de código e o inferencial,

procurando explicar, assim, o processo de comunicação humana. A TR parte do pressuposto de que o falante tem um comportamento ostensivo, ou seja, ele deseja comunicar algo e também mostra sua intenção em fazê-lo. O ouvinte, por sua vez, tem um comportamento inferencial, processando a informação intencionada pelo falante. Esse comportamento ostensivo-inferencial é guiado pelo princípio de relevância. Através do menor esforço cognitivo necessário, tenta-se obter o maior efeito contextual possível. Alves (2001a) resume bem a questão da seguinte forma:

Sperber e Wilson postulam que este processo, direcionado pelo princípio de relevância, atua a partir das interfaces estabelecidas entre um comportamento ostensivo por parte do falante e um comportamento inferencial por parte do ouvinte que, apoiados por manifestação mútua e situados em determinados ambientes cognitivos, geram um efeito contextual capaz de explicar o funcionamento (...) dos processos de comunicação. (...) Em suma, o princípio de relevância possibilita, por intermédio deste comportamento ostensivo-inferencial, que seja alcançado o maior efeito contextual através do menor esforço processual possível. (p. 18)

Neste ponto, seria também interessante salientar que, para Sperber & Wilson, deve-se diferenciar entre dois tipos de codificação linguística: a codificação conceitual e a codificação procedimental. Alves (2001a) esclarece que “as informações codificadas conceitualmente são passíveis de extensão proposicional e veiculam significado conceitual” (p. 21), ou seja, são codificações de conteúdo. A codificação conceitual se refere às formas lógicas do enunciado, e pode ser recuperada pela via dedutiva. Por sua vez, as codificações procedimentais, continua Alves, “não podem ser desdobradas em termos inferenciais mas contribuem decisivamente no processamento dos enunciados ao impor-lhes restrições inferenciais” (p. 22). Essas restrições inferenciais reduzem o esforço de processamento do receptor, pois as formas proposicionais

desse tipo de informação são guiadas pelas chamadas marcas e pistas. Sobre isto, Gutt (2000a) diz que “elementos da linguagem podem codificar ‘instruções procedimentais’ que fornecem orientação à audiência sobre como uma expressão tem o objetivo de ser relevante” (p. 175, tradução do autor).

No contexto da tradução, Alves & Gonçalves (2003) fazem uma importante observação sobre a competência de tradutores no tocante a essas codificações. Atestam que no ato da tradução a manipulação dessas informações codificadas conceitual e procedimentalmente é crucial para poderem identificar as restrições inferenciais inerentes a um dado enunciado (cf. p. 5).

Chegamos, então, na aplicação da TR aos Estudos da Tradução. Gutt (2000a) considera a tradução como sendo uma instância do que chama de uso interpretativo da linguagem, pois a relevância reside no fato de informar ao ouvinte sobre o que alguém “disse, escreveu ou pensou” (cf. p. 166). Tomando-se em consideração que a atividade do tradutor gira em torno da interpretação, ligando o texto fonte (de agora em diante, TF) ao texto alvo (TA, a partir de agora), surge o conceito de semelhança interpretativa, como declara Gutt:

Considerando, mais, que o objetivo principal de enunciados é veicular a gama de suposições que o comunicador pretende veicular, parece razoável definir semelhança interpretativa entre enunciados nos termos de suposições compartilhadas entre as interpretações pretendidas destes enunciados. Uma vez que a gama de suposições que se pretende veicular com um enunciado, consiste de explicaturas e/ou implicaturas, podemos dizer que dois enunciados, ou até mesmo de forma mais geral, dois estímulos ostensivos se assemelham interpretativamente um ao outro na medida em que compartilham suas explicaturas e/ou implicaturas. (Gutt, 2000b, p. 46, tradução do autor)

Conforme a TR, um enunciado é composto de explicaturas e implicaturas. As explicaturas corresponderiam à forma

proposicional do enunciado e podem ser analisadas quanto ao léxico, à sintaxe e à semântica, perfazendo, assim, o componente lingüístico. As implicaturas, por sua vez, seriam as suposições inferidas a partir da explicatura. As inter-relações entre explicaturas e implicaturas são de suma importância para a TR, pois a semelhança interpretativa ocorre quando dois enunciados compartilham explicaturas e implicaturas.

Por conseguinte, no contexto da TR, o que importa não é apenas a comparação das características textuais e semânticas entre TF e TA, mas também, sobretudo, as interpretações que cada texto quis comunicar. Dentro desse quadro, deve-se levar em conta as seguintes atividades: interpretação do enunciado no TF, interpretação do enunciado no TA e avaliação da semelhança entre as duas interpretações (cf. Gutt, 2000a, p. 166-167). Essa tarefa fica simplificada para o tradutor, caso seu ambiente cognitivo seja congruente com o do TF. Todavia, se tal não for o caso, o tradutor se encontra diante de tarefas adicionais, ou seja, “o tradutor necessitará reconstruir o ambiente cognitivo mutuamente compartilhado pelo comunicador original e sua audiência” e “determinar quais partes daquele ambiente cognitivo mutuamente compartilhado serviram de contexto para a comunicação original” (p. 168, tradução do autor).

Nesse último caso, a TR é de fundamental importância, principalmente quando há uma grande distância de tempo e cultura entre os ambientes cognitivos. Como o tradutor conseguirá, então, inferir as informações desejadas sobre o contexto do TF? Gutt explica que o fundamento dessa possibilidade está no princípio de relevância. O que importa não é o fato se essa ou aquela condição foram satisfeitas na situação de comunicação do TF, mas se “o comunicador *pensou* que elas foram satisfeitas” (id., *italico* como no original, tradução do autor). E outra ferramenta à disposição do tradutor na tarefa de identificar o sentido pretendido no TF, são as chamadas pistas comunicativas, que não devem ser confundidas com a identificação e a preservação de propriedades lingüísticas do TF.

‘Pistas comunicativas’ são abstrações das propriedades lingüísticas reais do texto e podem precisar ser fornecidas por meios lingüísticos muito diferentes na língua do receptor. ‘Pistas comunicativas’ só podem ser identificadas por referência ao papel que elas desempenham ao guiar a audiência em direção à interpretação pretendida, e não por simples comparações lingüístico-textuais e estruturais. (Gutt, 2000a, p. 169-170, tradução do autor)

Finalizando este breve comentário teórico a respeito da TR e sua aplicação à atividade tradutória<sup>1</sup>, seria importante fazer um resumo sucinto dessas considerações, citando Alves (2001b):

Com base na TR, poder-se-ia dizer, portanto, que o tradutor busca um efeito contextual entre uma forma proposicional 1 na língua de partida e sua provável contrapartida na língua de chegada, qual seja, uma forma proposicional 2. Detona-se, assim, um processo de tomada de decisão. Em outras palavras, o que faz um tradutor decidir-se por uma determinada tradução em favor de outras possíveis alternativas pode ser explicado como o resultado de uma semelhança interpretativa de um grau subjetivamente mais elevado entre a unidade de tradução na língua de partida e uma alternativa favorável na língua de chegada. Para o tradutor, a decisão adotada é aquela que, subjetivamente, possui a semelhança interpretativa mais forte capaz de expressar tanto as explicaturas quanto as implicaturas presentes no texto de partida com a menor perda de significado quando comparada a outras possíveis alternativas. (p. 93)

Com base no exposto acima, a aplicação da TR na tradução de textos sagrados parece ser um instrumento capaz de lidar adequadamente com questões até hoje intrigantes para estudiosos e tradutores. Conforme bem atesta Gohn (2001), “a tradução de textos sagrados para línguas diferentes daquelas em que eles foram primeiro escritos apresenta desafios que têm, por séculos, exigido

criatividade e habilidade por parte dos tradutores” (p. 150). Trabalham com uma língua, com uma cultura e com um contexto bem diferentes do seu e ainda se aventuram num campo que já custou a vida a muitos. Pela TR, a preocupação principal do tradutor não está em como expressar o sentido original na língua de chegada (até mesmo porque como, hoje, precisar o sentido original?), mas em “decidir quais aspectos do original ele quer comunicar” (Gutt, 2000a, p. 172, tradução do autor).

Utilizando, pois, o suporte teórico da TR, será visto a seguir como MB e HC derivaram as explicaturas e implicaturas contidas no TF, visando a gerar no TA grande efeito contextual via semelhança interpretativa. A partir de suas escolhas tradutórias, confrontaremos suas respectivas agendas. Os excertos aqui apresentados, juntamente com outros exemplos, podem ser estudados em sua íntegra em minha dissertação de mestrado.

#### 4. Análise qualitativa de excertos das traduções de *Qohélet*

Tomarei aqui não mais que cinco exemplos para que possamos discutir as escolhas tradutórias de HC e MB frente a suas respectivas agendas. Esses excertos têm exclusivamente caráter ilustrativo e servirão de base para a discussão em seguida. Será sempre apresentado em primeiro lugar o texto hebraico da *Biblia Hebraica Stuttgartensia* (BHS) já com transliteração em caracteres latinos e tradução interlinear; logo após, as traduções de HC e de MB. Para a tradução interlinear foi sempre tomada a primeira entrada para o vocábulo constante do dicionário de Kirst *et. al.* (2000). O respectivo verso não será reproduzido na íntegra por questões de espaço, porém a contextualização da passagem pode permitir ao leitor acesso a seu conteúdo<sup>2</sup>.

##### a) Verso 1,2

BHS	havel	havâlîm	‘amar	qohélet	havel	havâlîm	hakol	hâvél
	sopro	dos sopros	disse	qohélet	sopro	dos sopros	tudo	sopro

HC	Névoa de nadas	§	disse O-que-Sabe	§§
	névoa de nadas	§	tudo névoa-nada	

MB   Dunst der Dünste, spricht Versammler, Dunst der Dünste, alles ist  
Dunst. |

Nesse verso, segundo Líndez (1999), temos a quintessência do Eclesiastes. Faz como que uma moldura para o livro, já que pode ser encontrado também no epílogo (v. 12,8). *Qohélet* pode estar querendo dizer que tudo na vida não passa de uma busca por coisas vãs, passageiras, fúteis. Seria como o vapor: o homem o percebe, mas não pode pegá-lo, não pode guardá-lo.

No TF temos uma construção tipicamente hebraica com uma noção de superlativo. *havel havâlîm* encerra em si uma relação de genitivo (o *constructo* hebraico) com a primeira palavra no singular e a segunda no plural: sopro dos sopros, vapor dos vapores, maximizando a importância do sentido de vapor.

HC traduziu a expressão por “névoa de nadas”, visando a resguardar a função aliterante do texto hebraico e combinando “a acepção primeira de ‘vapor’ (névoa) com outra, também material, de ‘insignificância’, ‘ninharia’ (nada, nadas)” (Campos, 1991, p. 37). Com a escolha tradutória de HC, pode-se entender que as marcas de codificação procedimental foram mantidas, aqui a relação de genitivo; a codificação conceitual, por ser passível de expansão, também foi mantida, pois, levando-se em consideração sua agenda tradutória transcriadora, HC, manipulando o sentido de “vapor” de *havel*, expandiu seu conceito através de “nada”, o que não constitui uma violação. Por trabalhar com transcrição, HC pode utilizar-se dos desdobramentos conceituais; já os procedimentais não o permitiriam.

Em MB temos a palavra “Dunst” que pode ter o mesmo valor que o hebraico *havel*, significando “vapor”. Nesse sentido, também em alemão, “Dunst” implica o significado de futilidade, inconsistência, coisa vaga, não se constituindo numa violação da

marca de codificação conceitual. No que tange às marcas de codificação procedimental, também não houve violação, uma vez que MB traduziu o genitivo hebraico por um genitivo em alemão, tentando reproduzir a noção de superlativo.

### b) Verso 1,14

BHS    whinneh hakol        hévél        ûre'ût                rûach  
           e eis        tudo        sopro        e ambicionar        ar

HC     E eis tudo § névoa-nada § e fome-de-vento

MB     und da, alles ist Dunst und ein Trachten nach Wind. |

No verso anterior, *Qohélet* já havia dito que tudo na vida é vão e passageiro. Agora, ele acentua esse ponto de vista, reforçando a imagem quimérica da realidade humana. Os feitos do homem não passariam de caça ao vento, de uma busca por futilidades, de uma perseguição ao vento.

A expressão hebraica objeto de nossa análise é *re'ût rûach*, composta de dois substantivos ligados numa relação de genitivo. O primeiro, *re'ût*, significa “ambição, esforço”, enquanto o segundo, *rûach*, tem vários sentidos, dentre os quais “ar, brisa, fôlego, espírito”. Sobre a etimologia de *re'ût*, temos o comentário de HC, quando diz que a ele “subjaz (...) um verbo *ra'a*: ‘pastar’, ‘nutrir-se de pasto’, ‘alimentar-se’, numa primeira acepção; complementarmente, por associação a uma raiz aramaica, ‘ir atrás’, ‘esforçar-se por’, ‘anelar’” (Campos, 1991, p. 37, *itálico como no original*).

HC traduziu a expressão por “fome-de-vento”. Parece procurar, assim, reunir na palavra em português “fome” os três sentidos da raiz *ra'a*, comentados acima. Sob a ótica da TR, entende-se que HC, consoante com sua agenda, procura ajudar o leitor/ouvin-

te a recuperar a representação que ele, HC, encontra no TF. HC vê na expressão um desejo aflitivo por algo de consecução impossível, denotando a ineficácia, a inconsistência do desejo. Sob a ótica da TR, poderíamos dizer que não houve violação de marcas de codificação conceitual, visto que “fome”, além do sentido de desejo de comer, significa também “sofreguidão, avidez, ambição”, o que viria ao encontro do vocábulo hebraico *re’ût*. “Vento”, além de sua acepção concreta, significa “coisa vã, vazia ou fugaz”, semelhante a seu sentido hebraico. Também não houve violação das marcas de codificação procedimental, pois a preposição “de” traduz coerentemente a relação de genitivo. Compartilhando explicaturas e implicaturas com o TF, o TA de HC é portador de um alto grau de semelhança interpretativa.

MB traduziu a expressão por “ein Trachten nach Wind”. O verbo “trachten”, aqui substantivado, regido pela preposição “nach”, significa “ambicionar”, “pretender”, “aspirar a” e “Wind” tem a acepção de “vento”. Embora tenha havido mudança na codificação procedimental, onde seria de se esperar um genitivo em alemão, a TR entende que não houve modificação no valor de verdade do enunciado, visto que há uma correspondência em nível de significado entre *re’ût rûach* e “ein Trachten nach Wind”, produzindo alto efeito contextual. O alto efeito contextual resulta do fato de que na língua alemã a expressão implica em uma busca por futilidades, por coisas que passam e não ficam, em uma busca por coisas inconstantes. MB cria uma representação na língua alemã congruente à representação no TF. Assim, também na tradução de MB, houve alto efeito contextual e, conseqüentemente, alta semelhança interpretativa: a audiência do TA pode chegar inferencialmente a uma interpretação semelhante à imaginada por MB para o TF.

### c) Verso 2,5

BHS	‘âsîti	lî	gannôt	ûfardesîm
	fiz	para mim	jardins	e pomares

HC Fiz para mim §§ jardins § e paraísos §§§

MB ich machte mir Gärten und Haine

Esse verso deve ser entendido literalmente. Remete o leitor à sabedoria salomônica em saber transformar uma terra árida (a Palestina) numa área fértil e verdejante. A palavra *ûfardesîm* que aqui nos interessa, deriva do antigo persa com o significado primeiro de um “recinto fechado”, vindo posteriormente a denotar um amplo parque, um local aprazível.

A opção de HC por traduzir *ufardesîm* por “e paraísos” presume recobrar tanto a origem persa do vocábulo (“pairi-daêza”) quanto a idéia de aprazibilidade. Tal recurso parece estar consoante com a agenda tradutória de HC ao ajudar a audiência de seu texto a recuperar uma representação do TF. Não há violação de marcas e HC usa a palavra “paraíso” em função do que ele possivelmente quer tornar manifesto, ou seja, um determinado contexto compatível com sua interpretação do texto primeiro.

MB usa o alemão “Haine”, cujo significado é uma mata ou bosque (linguagem poética) e, etimologicamente, uma floresta cercada. Supõe-se que MB procura recuperar etimologicamente a idéia contida no hebraico. Existe nisso uma consonância com a agenda tradutória de MB, pois este procura criar no TA a representação vista por ele no TF. O vocábulo “Hain”, um tanto arcaico, tem o significado de uma mata ou um bosque ralo, e é empregado, sobretudo, na linguagem poética. Pode despertar a lembrança de lugares românticos e de meditação particular, de lazer íntimo, onde se pode deixar fluir os sentimentos. Entendemos que o grau de semelhança interpretativa é alto.

#### d) Verso 2,8

BHS	shiddâh	wshiddôt
	dama	e damas

HC	Uma princesa princesas
MB	die Dame und die Damen.

Esse verso não deixa de ser um tanto misterioso em sua última linha aqui transcrita. Para uma melhor visualização de seu conteúdo, transcrevo-o na íntegra a partir da Tradução Ecumênica da Bíblia (TEB): “Acumulei também prata e ouro, propriedades de reis e de províncias; contratei cantores e cantoras e – delícias dos filhos de Adão – concubina e concubinas”. E quanto ao final do verso, tema de nossa análise, consta em nota de pé de página: “Parece provável a alusão ao harém de Salomão” (p. 1312). As discussões em torno da acepção de *shiddâh* são várias. É uma palavra de sentido obscuro, que aparece uma única vez na Bíblia hebraica, aqui em *Qohélet*. Alguns a vêem como proveniente do aramaico *shedá*, no sentido de “despejar” um líquido. Outros a derivam do assírio *shadâdu*, que significa “amar”, o que levaria à interpretação de “senhora”, “dama”, “amante”. Outros, por sua vez, defendem a tese de que *shiddâh* deriva, por sinédoque, de *shad*, “seio”, como atributo feminino. HC comenta ainda vários outros sentidos encontrados: “taças e jarros de que se compõe uma copa para o serviço do vinho” (Vulgata latina); “musical instruments” (King James Version); “toda a abundância dos cofres” (Kethubim) (cf. Campos, 1991, p. 118). E acrescenta: “Para além da reserva decorosa, ou do eufemismo, parece óbvio que o matiz erótico é o mais pertinente ao contexto, pois de bens e tesouros já se falara nas linhas precedentes” (id.).

Temos nessa passagem um bom exemplo de pista comunicativa: a obscuridade do final do verso, pois contém uma palavra com ocorrência apenas nesse trecho da Bíblia e cujo significado se perdeu. Na opção transcriadora de HC, lê-se “uma princesa princesas”. A TR entende que, procedimentalmente, os substantivos usados pelo tradutor aparecem tal qual no TF: o primeiro no singular e o segundo no plural. Permanece, supõe-se, na tradução em português, uma certa obscuridade e um amplo leque de interpretações.

Ao processar inferencialmente as palavras “uma princesa princesas”, o leitor/ouvinte, possivelmente, teria acesso a várias interpretações, de acordo com seu ambiente cognitivo e as entradas enciclopédicas associadas ao vocábulo “princesa”. Na tentativa de reconstrução do contexto primevo através de sua tradução, HC parece passar para a audiência do TA o mesmo caráter obscuro do TF. A TR vê a manipulação da codificação conceitual, expandida com “princesa”, como perfeitamente possível, sem constituir violação.

Em MB tem-se: “die Dame und die Damen”. Segundo a TR, tem-se, procedimentalmente, os substantivos usados por MB tal qual no TF: o primeiro no singular e o segundo no plural. Porém, MB, mantendo a conjunção aditiva “und”, optou por usar os artigos definidos “die” (feminino singular) e “die” (aqui feminino plural). Conceitualmente, sob a ótica da TR, parece que MB tomou a entrada lexical de “Dame” para *shiddâh*, conforme sua agenda tradutória, criando uma representação para o TA. Mas fato interessante é a mudança da codificação procedimental. Esperar-se-ia um artigo indefinido em alemão, perfeitamente possível no singular (“eine”) e ausente no plural como em hebraico. Mas, levando-se em consideração a pista comunicativa mencionada anteriormente – o obscurantismo do TF – é exatamente o caráter de definido de “Dame” no TA que parece configurar no texto de MB um pouco daquele obscurantismo do TF. Supostamente, um leitor/ouvinte alemão do TA poderia desdobrar inferencialmente a informação obtida, chegando a interpretações do TF tais quais pretendidas por MB ao traduzir, levando-se em conta, naturalmente, os ambientes cognitivos das respectivas audiências. A multiplicidade de interpretações no nível das implicaturas do TA parece ser semelhante à multiplicidade de interpretações no nível das implicaturas do TF, das quais nenhuma é fortemente implicada.

### e) Verso 3,18

BHS	wlir'ôt	shehém-behemâh	hemmâh	lâhém
	e para ver	que eles	gado	eles
				para eles

HC E que vejam §§  
 não são mais que animais ademais § não mais

MB und daß man sehe, wie sie ein Getier, sie für sich sind. |

Essa oração encontra-se ao final do verso que assim pode ser lido na TEB: “Eu disse a mim mesmo, a respeito dos filhos de Adão, que Deus quer prová-los e então se verá que, em si mesmos, não passam de animais”. A TEB interpreta esse comentário de *Qohélet* de sentido tão obscuro, em uma nota de pé de página: “Deus prova os humanos, lembrando-lhes sua origem a partir do barro; a morte é inerente à sua condição atual” (p. 1314). Esse verso é de difícil interpretação, não somente pelas dificuldades sintáticas que apresenta, mas principalmente pelos problemas dogmáticos que suscita entre os intérpretes, uma vez que os homens são colocados em pé de igualdade com os animais. Em hebraico, temos um texto hermético e segundo Líndez (1999) “a acumulação de pronomes no final do versículo causou muitos problemas; mas não se pode negar propositada aliteração e jogo de palavras” (p. 243).

HC busca recuperar no TA a “quádrupla paronomásia” existente no TF: *sheHÉM-beHEMâh HEMMâh lâHÉM* como “não são MAIS que aniMAIS adeMAIS não MAIS”. Podemos ver nesse fato uma busca de recuperação por HC das chamadas pistas comunicativas vislumbradas por ele no TF, ou seja, o aspecto fônico e a função poética do texto. As marcas de codificação conceitual (*hém, behemâh, hemmâh*) presentes no texto hebraico foram mantidas no português, pois, apesar de não figurar explicitamente o pronome “eles”, o mesmo pode ser inferido pela forma verbal na terceira pessoa do plural “vejam, são”; do português “animais” a audiência pode, supostamente, inferir o sentido coletivo da palavra que provavelmente pode também ter sido inferido pela audiência do TF. Procedimentalmente, HC guiou-se pelas pistas comunicativas que vislumbrou no TF, ou

seja, a quádrupla paronomásia, para recriar em português um efeito fônico semelhante. A busca por um alto grau de semelhança interpretativa entre o TF e o TA é crucial para a tradução. Seguindo esse parâmetro e pensando na difícil interpretação do texto hebraico e sua problemática interpretação como visto acima, pode-se dizer o mesmo do texto de HC: apresenta um efeito fônico e um jogo de palavras no nível da explicatura semelhante ao TF e, no nível das implicaturas, pode fornecer igualmente interpretações semelhantes às inferidas para o TF, ou seja, mantendo o hermetismo dogmático do texto ou, de forma laical, equiparando homens e animais.

MB traduziu a passagem por: “und daß man sehe, wie sie ein Getier, sie für sich sind”. Em português teríamos: “e que se veja, como eles animais, eles para eles são”. A tradução palavra por palavra de MB (à exceção do acréscimo da forma verbal conjugada “sind/são”) não apresenta nenhuma violação de marcas de codificação conceitual e procedimental. No entanto, seu texto é um texto hermético, uma fórmula hebraizada, mas que ainda continua a ser de língua alemã devido a suas características, digamos, germânicas. A interpretação da oração alemã é de difícil acesso. A audiência do TA poderia, após exercícios inferenciais, chegar a uma interpretação semelhante à da audiência do TF. Tendo consciência de que se trata de um contexto artificial – o que se poderia esperar de um leitor de texto bíblico – o leitor alemão, possivelmente, procurará uma interpretação que mais seja congruente com seu ambiente cognitivo, aceitando o caráter dogmático do texto ou entendendo-o de forma laica. O alto grau de semelhança interpretativa na tradução de MB está apto a gerar grandes efeitos contextuais. O esforço cognitivo extra, exigido na interpretação da passagem, pode ser compensado por efeitos contextuais maiores, ou seja, implicaturas várias a partir da explicatura espelhada na forma proposicional.

## 5. Discussão

É inegável a proximidade da agenda tradutória de ambos. Ao tecer comentários acerca de sua agenda tradutória, HC se remete inequivocamente a MB, para dele retirar certos princípios, tais quais já explicitados anteriormente. Esses princípios, também princípios-chave para HC, constituem-se principalmente no resgate da oralidade do texto, observando-se as pausas para respiro, e na recuperação das chamadas palavras-guia. A hebraização dos respectivos textos traduzidos também se constitui em um ponto em comum. Temos tanto em português quanto em alemão traduções impregnadas pelo sabor hebraico do TF.

No que tange às marcas de codificação procedimental, poder-se-ia dizer que ambos se assemelham por demais, haja vista a preocupação, tanto do lado de HC quanto do de MB, em não violá-las. Tanto no texto traduzido de HC quanto no de MB encontram-se conservadas as marcas de codificação procedimental do TF. Essas marcas estão por vezes relacionadas a tempos verbais, número singular e plural, conjunções, advérbios; outras vezes estão relacionadas a aspectos fônicos, tais como a aliteração; outras, ainda, à reprodução de pistas comunicativas vistas pelos respectivos tradutores no TF.

Todavia, no que diz respeito às marcas de codificação conceitual, há diversas vezes diferenças significativas entre as escolhas tradutórias de HC e MB, sem, no entanto, que haja violação dessas marcas por parte de um e outro. Uma codificação conceitual veicula um conceito e, como tal, é passível de expansão proposicional. HC tem uma agenda nitidamente transcritora. Assim sendo, usa do recurso admitido pela TR de expansão da codificação conceitual, para transcriber em português a partir do conceito hebraico. Dessa forma, HC ajuda sua audiência a criar uma representação semelhante àquela do TF. MB, por sua vez, cria uma representação para a audiência. A agenda tradutória deste também é clara: quer recuperar o sentido hebraico das palavras; ele não transcribia, mas

vai ao fundo do léxico alemão procurar palavras de mesma raiz, palavras de mesmo peso, palavras de mesma origem que sua contrapartida em hebraico. Mesmo que essas palavras tenham caído em desuso. Aí se situa a diferença primordial entre HC e MB, ou seja, este cria uma representação enquanto aquele ajuda a criar uma representação, transcribando em sua língua.

Concluindo, seria importante repetir que essas diferenças referentes à escolha da codificação conceitual se explicam pela agenda tradutória de ambos, onde HC diz abertamente ter um projeto transcriador no português, com foco nesta língua, enquanto MB tem seu foco muito mais no hebraico do que no alemão.

## **6. Conclusão**

Com esse artigo, mostrei um pouco das agendas tradutórias de HC e MB com respeito a textos bíblicos, comparando-as entre si. Vimos que HC busca em MB determinados princípios pelos quais se guiou em seu projeto transcriador de tradução, tais como a oralidade presente no texto e as palavras-guia, além da hebraização do TA. Porém, diferentemente de MB, HC tem muito mais o foco no português do que no hebraico. A análise de uma pequena amostra de trechos da tradução do Livro do *Qohélet* pautou-se pelo arcabouço teórico da TR, uma teoria capaz de lidar com textos cuja época de produção se situa a uma grande distância daquela dos leitores atuais. Dois conceitos-chave da TR foram de grande importância na comparação aqui pretendida: os de codificação conceitual e procedimental. Vimos que procedimentalmente ambos se assemelham bastante, mas conceitualmente diferem. HC, por trabalhar com transcrição, usa de um recurso admitido pela TR que é a expansão proposicional do conceito. Já MB busca recuperar o valor hebraico das palavras, procurando não expandir conceitos.

## Notas

1. Para uma maior compreensão do arcabouço teórico da TR, sugiro o leitor se remeter ao capítulo específico em minha dissertação de mestrado (Carvalho Neto, 2004).
2. Aqui, remete-se o leitor interessado às respectivas obras de Buber e Campos constantes das referências bibliográficas.

## Bibliografia

ALVES, Fábio. Teoria da relevância e os estudos da tradução: perspectivas e desdobramentos. In: ALVES, Fábio (org.). *Teoria da relevância & tradução; conceituações e aplicações*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001a. p. 15-33.

\_\_\_\_\_. Relevância em contextos culturalmente marcados: a semelhança interpretativa em pauta. In: ALVES, Fábio (org.). *Teoria da relevância & tradução; conceituações e aplicações*. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2001b. p. 87-108.

ALVES, Fábio & GONÇALVES, José Luiz V.R. A Relevance-Theory Approach to the Investigation of Inferential Processes in Translation. In: ALVES, Fábio (ed.), *Triangulating Translation: perspectives in process-oriented research*. Benjamins Translation Library 45 Amsterdam: John Benjamins, 2003, p. 3-24.

BIBLIA HEBRAICA STUTTGARTENSIA. 5. Auflage. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

BÍBLIA TRADUÇÃO ECUMÊNICA. São Paulo: Loyola, 1994.

BUBER, Martin. *Die Schriftwerke*; verdeutsch von Martin Buber gemeinsam mit Franz Rosenzweig. Gerlingen: Lambert Schneider, 1997.

BUBER, Martin & ROSENZWEIG, Franz. *Die Schrift und ihre Verdeutschung*. Berlin: Schocken Verlag, 1936.

CAMPOS, Haroldo de. *Bere'shith: a cena da origem*. 1ª. edição, reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2000.

\_\_\_\_\_. *Qohélet/O-que-Sabe: Eclesiastes: poema sapiencial*. 2ª. edição. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CARVALHO NETO, Geraldo Luiz de. *Haroldo de Campos e Martin Buber como tradutores do hebraico Qohélet: uma análise do produto de segmentos das traduções à luz da Teoria da Relevância*. Belo Horizonte, 2004. 165 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFMG.

GOHN, Carlos. Pesquisas em torno de textos sensíveis: os livros sagrados. In: PAGANO, Adriana Silvina (org.). *Metodologias de pesquisa em tradução*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras, UFMG, 2001.

GUTT, Ernst-August. Issues of Translation Research in the Inferential Paradigm of Communication. In: OLOHAN, Maeve (ed.), *Intercultural Faultlines. Research Models in Translation Studies I. Textual and Cognitive Aspects*. Manchester: St. Jerome, 2000a. p. 161-179.

\_\_\_\_\_. *Translation and Relevance: Cognition and Context*. Manchester: St. Jerome, 2000b.

\_\_\_\_\_. *Relevance Theory: A Guide to Successful Communication in Translation*. New York: Summer Institute of Linguistics/United Bible Societies, 1992.

KIRST, Nelson et al. *Dicionário Hebraico-Português & Aramaico-Português*. 12ª ed. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2000.

LÍNDEZ, José Vilchez. *Eclesiastes ou Qohélet*. Trad. João Rezende Costa. São Paulo: Paulus, 1999.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. 1813. *In*: HEIDERMANN, Werner (org.). *Clássicos da teoria da tradução: Antologia bilingue*. Florianópolis: UFSC, Núcleo de tradução, 2001. Vol.1, tradução de Margarete von Mühlen Poll.

SPERBER, Dan, WILSON, Deirdre. *Relevance; Communication and Cognition*. Second Edition. Oxford & Cambridge: Blackwell, 1995.